

Nota de Leitura

***O Alquimista* de Paulo Coelho. Leitura obrigatória na escola?**

MARIA HELENA CAMARA BASTOS*
FERNANDA BUSNELLO**

A revista *Veja*, de 6 de agosto de 2003, publicou uma pequena nota, na seção Holofote (p. 38), com o título *Leitura Obrigatória*, em que destaca o fato de escolas de sete países - Estados Unidos, França, México, Argentina, Itália, Espanha e Noruega - decidirem adotar versões didáticas do romance *O Alquimista*, de Paulo Coelho, como leitura obrigatória.

O Alquimista teve sua primeira edição em 1988, e, atualmente, está na 160ª edição. Foi traduzido em 56 línguas, cobrindo 140 países, com milhões de exemplares publicados. Permaneceu em primeiro lugar nas listas dos livros mais vendidos por 15 anos¹. A obra foi elogiada por intelectuais mundialmente reconhecidos, como o prêmio Nobel de

* Doutora em História e Filosofia da Educação; Professora no PPGE/PUCRS; Pesquisadora do CNPq.

** Aluna do terceiro semestre do curso de Psicopedagogia/PUCRS e bolsista de Iniciação Científica FAPERGS (2003).

Artigo recebido em: novembro/2003. Aprovado em: janeiro/2004.

¹ Na 55ª Feira do Livro de Frankfurt, realizada de 8 a 13 de outubro de 2003, Paulo Coelho entrou para o Guinness Book, como o autor que autografou o maior número de traduções de uma única obra - *O Alquimista* -, em uma só sessão. Durante a maratona de autógrafos, apareceram exemplares de 52 das 56 línguas para as quais o *best-seller* foi traduzido. Segundo estimativas dos editores, Paulo Coelho vendeu cerca de 50 milhões de livros em 150 países. *O Alquimista* representa sozinho quase a metade do total (Zero Hora. *Informe Econômico*. Porto Alegre, 11 de outubro de 2003).

Educação

Literatura, Kenzaburo Oe, e o prêmio Nobel da Paz, Shimon Peres (SOUZA, 2001, p. 55).

Para Maestri (1999, p. 101), o sucesso de Paulo Coelho² reside no fato de ter “transcrito, sob a forma de ficção, as novas tendências esotéricas pós-modernas, do pensamento mágico tradicional, inaugurando uma literatura yuppie e plebéia”, ampliando o mercado da literatura de auto-ajuda³, com um discurso prescritivo e normativo, “pela explosão do ocultismo como representação ideológica multitudinária”.

Paulo Coelho é considerado “um autor internacional, com uma dicção e um panteísmo temático-religioso que podem ser assimilados igualmente no Brasil e em países como a França, Rússia e Irã” (PINTO, 2003, p. 29). Já para Souza (2001, p. 63), o sucesso de Paulo Coelho reside no fato de ser a “expressão de um pensamento simples e ingênuo que responde bem a um significativo segmento do público que procura uma porção literária analgésica às suas ansiedades individuais”.

A primeira reação diante da notícia é de perplexidade, pois remete diretamente para a experiência de leitura da obra⁴. O que na época chamou a atenção? Literatura de auto-ajuda, com prescrição de normas e condutas para alcançar a felicidade e a realização pessoal e profissional. O uso de linguagem simples, com inúmeros erros gramaticais e de construção frasal; temas e enredos simples, - lugares-comuns, fantasiosos e esotéricos; linearidade da narrativa; uso excessivo de frases de efeito moral e de auto-ajuda espiritual. Como avalia João Alexandre Barbosa (2003, p. 28), o que exclui Paulo Coelho do universo da literatura é “a reiteração daqueles estereótipos da lingua-

² A última obra de Paulo Coelho – *Onze Minutos* (2003), bateu os três milhões de exemplares vendidos nos setenta países em que já foi lançado. Entre eles, França, Itália, Portugal, Israel, Rússia, Alemanha e Grã-Bretanha, está em primeiro lugar na lista de best-sellers.

³ Samuel Smiles (1812-1904) é considerado o pai da literatura de auto-ajuda, apologista da moral e da moralização, tendo publicado “*Self-Help*”, em 1859. Sobre sua obra, traduzida e amplamente editada no Brasil, ver: Bastos, M.H.C. Leituras da Ilustração Brasileira: Samuel Smiles (2000)

⁴ Há alguns anos, diante do sucesso do autor, decidi ler sua obra, para que pudesse f

gem ordinária que o verdadeiro imaginário ficcional deveria subverter e transtornar”.

Imediatamente colocaram-se algumas questões: qual a contribuição que o livro pode trazer para a formação de adolescentes/adultos? Pode ser considerado um livro educador, com função moralizadora e intenção educativa? A obra constitui-se uma unidade discursiva, produtora de ordenamento, representativa dos valores de uma sociedade? Como se estrutura a versão didática da obra⁵?

Tentando encaminhar essas questões, buscamos em Bakhtin (1992, p. 221), a definição de romance de educação ou formação. O autor apresenta uma tipologia histórica do romance, baseada nos princípios estruturais da imagem do herói principal – romance de viagem, romance de provas, romance biográfico (autobiográfico) e romance de educação ou formação. Poderíamos situar *O Alquimista* como um variante nessas quatro categorias.

No romance de viagem,

O herói, carente de traços particulares, é um ponto móvel no espaço e não constitui, por si só, o centro da atenção do autor. (...) O que o caracteriza é uma concepção espacial e estática da diversidade do mundo. O mundo apresenta-se como uma justaposição espacial de diferenças e contrastes; a vida é formada de uma sucessão de situações diferenciadas e contrastantes: sucesso-insucesso, felicidade-infelicidade, vitória-derrota, etc. (...) A ausência do tempo histórico faz com que a ênfase recaia unicamente nas diferenças e nos contrastes (BAKHTIN, 1992, p. 221).

Em *O Alquimista*, Paulo Coelho narra a viagem do personagem Santiago em direção ao Oriente, na busca de um tesouro (metafórico e literal) e descobre que estava guardado na cidade da qual partira (PINTO, 2003, p. 28), ou melhor dizendo, dentro de si mesmo.

⁵ Não foi possível localizar nenhuma *versão didática* da obra.

Como romance de provas, o protagonista está submetido a uma série de provas – de lealdade, de virtudes, de magnanimidade, de santidade, etc.

Nos romances deste tipo, o mundo é apenas o teatro das lutas e das provas do herói. Os acontecimentos, as peripécias são a pedra de toque do herói; este é sempre dado como uma imagem concluída, e possui desde o início suas qualidades que, ao longo de todo o romance, só são verificadas e postas à prova. (...) a imagem do homem é complexa e desenvolvida, o que exercerá considerável influência na história posterior do romance. A imagem do herói é muito unificada, mas a unidade integrada daí resultante é muito específica: é essencialmente estática (BAKHTIN, 1992, p. 225).

O Alquimista, em parte se situa nesta categoria, pois se concentra no herói, mas ao contrário do que Bakhtin (1992, p. 226) coloca, o herói Santiago não é apresentado de maneira complexa e desenvolvida.

Uma das particularidades do romance biográfico (autobiográfico) é o fato do

herói carecer de um verdadeiro devir, de uma evolução: a vida do herói se modifica, se elabora, evolui, ao passo que o herói permanece inalterado; (...) a concepção da vida reside no fato de a vida se definir pelos resultados objetivos ou então pelas categorias da felicidade-infelicidade (BAKHTIN, 1992, p. 232).

Paulo Coelho (2003, p. 30) considera *O Alquimista* uma narrativa confessional – “não deixa de ser uma metáfora do meu percurso pessoal, mesmo que eu jamais tenha sido pastor em minha vida”. Manuel da Costa Pinto (2003, p. 28) também assinala que a obra é uma lenda pessoal, que relata as vivências e os sofrimentos, as circunstâncias de vida e as experiências-chave da vida do autor-narrador, visando compartilhar um tipo de vivência espiritual.

Romance de educação ou de formação, para Bakhtin (1992, p. 235), é toda a obra em que a “vida do herói e seu caráter se tornam de

Educação

uma grandeza variável”, objetivando com sua leitura a formação (transformação) do homem, do leitor⁶. O romance de educação caracteriza-se por apresentar o herói/personagem em processo de aprendizagem/de formação.

Com a intenção de verificar em que medida a obra em análise se situa como um romance de educação ou de formação, empreendemos uma viagem pela obra, tentando apreender a ensinabilidade da moral e das virtudes (FREITAG, 1994, p. 34), a função moralizadora e a intenção educativa e social.

Paulo Coelho faz uso intensivo de várias máximas morais – verdades essenciais -, de senso comum, fornecendo ao leitor uma imagem ou um modelo socialmente recomendado e individualmente desejado de homem (FREITAG, 1994, p. 9):

É justamente a possibilidade de realizar um sonho que torna a vida interessante (p. 34). Quando você quer alguma coisa, todo o Universo conspira para que você realize seu desejo (p. 48). (...) e quando todos os dias ficam iguais, é porque as pessoas deixaram de perceber as coisas boas que aparecem em suas vidas sempre que o sol cruza o céu (p. 54). Se Deus conduz tão bem as ovelhas, também conduzirá o homem (p. 64). Aprenda a respeitar e seguir os sinais (p. 70). Existe uma linguagem que está além das palavras (p. 73). Tudo é uma coisa só (p. 74). Lembre-se de saber sempre o que quer (p. 88). Às vezes, é impossível deter o rio da vida (p. 91). Nunca desista

⁶ Bakhtin (1992, p. 235), apresenta cinco tipos de romance de formação. No primeiro tipo, o desenrolar do destino e da vida do herói preestabelecido que confere conteúdo ao enredo, as mudanças por que passa o herói adquirem importância. O segundo tipo, consiste em representar um certo modo de desenvolvimento típico, repetitivo, que transforma o adolescente idealista e sonhador num adulto sóbrio e prático, cuja trajetória é acompanhada de graus variáveis de ceticismo e resignação; caracteriza-se por uma representação que assimila o mundo e a vida a uma *experiência*, a uma *escola* pelas quais todos os homens devem passar. O terceiro tipo é representado pelo tipo biográfico – é o destino do homem que se constrói, e, ao mesmo tempo, este se constrói, constrói seu caráter (Tom Jones de Fielding, David Copperfield de Dickens, etc.) O quarto tipo é representado pelo romance didático-pedagógico, que apresenta o processo pedagógico da educação no sentido estrito da palavra (*Emílio* de Rousseau, *Telêmaco* de Fénelon, etc.). E, finalmente, o quinto tipo é considerado o mais importante, pois nele a evolução do homem é indissolúvel/indissociável da evolução histórica – o homem se forma ao mesmo tempo que o mundo, reflete em si mesmo a formação histórica do mundo (*Gargantua e Pantagruel* de Rabelais, *Wilhelm Meister* de Goethe, etc.).

Educação

de seus sonhos (p. 97). Quando alguém tomava uma decisão, na verdade estava mergulhando numa correnteza poderosa (p. 105). Quanto mais se chega perto do sonho, mais a lenda Pessoal vai se tornando a verdadeira razão de viver (p. 110). Ninguém sente medo do desconhecido, porque qualquer pessoa é capaz de conquistar tudo que quer e necessita (p. 115). Quando você deseja algo de todo o seu coração, você está mais próximo da Alma do mundo (p. 118). O mundo fala muitas linguagens (p. 144). Quando se ama, as coisas fazem ainda mais sentido (p. 162). A coragem é o dom mais importante para quem busca a linguagem do mundo (p.175). Só quem acha vida, pode encontrar tesouros (p.183). Cada momento de busca é um momento de encontro (p. 200)⁷.

Com esses excertos, é possível perceber que *O Alquimista* contém pressupostos universais, que procuram educar e moldar o leitor, na busca da autonomia - intelectual e moral – e da liberdade do homem dotado de razão no plano individual e coletivo (FREITAG, 1994, p. 16). Essa educação moral consiste em “criar condições sociais e psicológicas para que os indivíduos procurem alcançar, por esforço e convicção própria, o nível de moralidade mais elevado”, na busca da perfectibilidade humana, como possibilidade e como necessidade (FREITAG, 1994, p. 19).

Mesmo considerando *O Alquimista* como leitura de formação ou de aprendizagem, é importante assinalar que o mesmo não apresenta a qualidade literária dos romances de formação, como, por exemplo, *Emílio de Rousseau*, *Telêmaco de Fénelon*, *Gargantua e Pantagruel de Rabelais*, *Leonardo e Gertrudes de Pestalozzi*, e outros.

Souza (2001, p. 56) sugere uma outra leitura à obra *O Alquimista* - como um conto de fadas moderno -, pela perspectiva de ingenuidade e por conter componentes mitológicos, históricos, psíquicos e sociais. A autora faz um paralelo entre *O Alquimista* e o *Chapeuzinho Vermelho*,

⁷ Para Maestri (1999, p. 68), “esse *pot-pourri* moralizante, comportamental e espiritualista de Paulo Coelho funciona como uma espécie de *religião laica* que anestesia, nem que seja passageiramente, os dolorosos sentimentos de isolamento e solidão de um leitor social, ideológica e psiquicamente estressado por uma sociedade em crescente processo de desumanização, mas infenso à mensagem e aos preceitos religiosos”.

Educação

de Charles Perrault, como relatos de viagem. Justifica, dizendo que a obra

apresenta uma estrutura simples de gênero narrativo, com um motivo central (o caminho do herói na busca de sua lenda pessoal), desenvolvido através de situações breves que se sucedem, essencialmente dependentes deste motivo; (...) a linguagem é objetiva, direta e de fácil compreensão, com clareza de expressão, e de vocabulário simples; tudo é condensado; a visão de mundo do autor corresponde a um fragmento de vida; apresenta um caráter mágico; os personagens correspondem à categoria tipo, que predomina na literatura popular (p. 63 - 64).

Como romance de formação ou conto de fadas moderno, *O Alquimista* afirma valores e regras sociais utilizados na tentativa de validar instituições, costumes e crenças, com ênfase em um moralismo conformativo (SOUZA, 2001, p. 148). A formação do homem para o cumprimento das normas/regras sociais destina-se a alcançar a harmonia individual e social.

O ideal de formação de um homem mais humano pressupõe o sentido de humanidade como valor ético e não moral (ROLNICK, 1992). As virtudes são metas perenes da humanidade, o que muda é a concepção de homem - da moral ou da ética, e, dessa forma, a concepção de educação e ensino. Neste início de século, dominado por uma mutação ideológica e social, por um viés conservador, em que toda a sociedade está confrontada com a perda de valores, percebe-se a retomada da questão da ensinabilidade e aprendizado das virtudes - conteúdos moralmente formadores - que tem sido tratada em várias instâncias da sociedade, na perspectiva de (re) constituir a mística da vida/mundo sem mística.

Para concluir, citamos a posição de Schopenhauer (1851, p. 33), de que “as pessoas lêem sempre em vez do melhor de todos os tempos o mais recente, os autores permanecem na esfera estreita das idéias circulantes, e o século se enterra cada vez mais profundamente nos seus próprios excrementos”. Também para ele (1851, p. 45), toda “obra é resultado da quintessência de um espírito. (...) Mesmo os escritos de

Educação

um espírito medíocre podem ser instrutivos, dignos de leitura e agradáveis, precisamente porque são sua quintessência, o resultado, o fruto de todos os seus pensamentos e estudos”.

A partir desta visão, tudo é passível de resultar em um processo de aprendizagem e de formação. A obra de Paulo Coelho e, especialmente, *O Alquimista* também podem conquistar o espaço da sala de aula, mas, como todo artefato cultural, sujeito a reflexão e análise crítica em seu processo de apropriação.

REFERÊNCIAS

- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- BARBOSA, João Alexandre. Paulo Coelho. Dentro da academia, fora da literatura. *Revista Cult*. São Paulo, ano VI, nº 70, pp. 32-35.
- BASTOS, M.H.C. Leituras da Ilustração Brasileira: Samuel Smiles (1812-1904). *Ícone*. UNIT/Uberlândia, v.6, nº1, jan-jul. 2000. pp 117-134.
- BOURDIEU, P. Campo intelectual y projeto criador. In: HERSCHMANN, M. et al. *Missionários do Progresso*. Rio de Janeiro: Diadorim, 1996.
- CHARTIER, Anne-Marie e HÉBRARD, Jean. *Discursos sobre a leitura (1880-1980)*. São Paulo: Ática, 1995.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- COELHO, Paulo. *O Alquimista*. Rio de Janeiro: Ed. Rocco, 1988/1991. 75ª edição.
- _____. Entrevista. *Revista Cult*. São Paulo, ano VI, nº 70, pp. 30-31.
- _____. Entrevista. *People en Arts*. Canal 33. Sábado, 27 de setembro de 2003.
- FREITAG, Bárbara. *O indivíduo em formação*. São Paulo: Cortez, 1994.
- HOLOFOTE. *Veja*. São Paulo, 6 de agosto de 2003. p. 38.
- MAESTRI, Mário. *Por que Paulo Coelho teve sucesso*. Porto Alegre: AGE, 1999.

Educação

PINTO, Manuel da Costa. Um mundo transparente. Entrevista com Paulo Coelho. *Revista Cult.* São Paulo, ano VI, n° 70, pp. 26-29.

ROLNIK, Suely. Cidadania e alteridade. Fala proferida no IV ENCONTRO REGIONAL DE PSICOLOGIA SOCIAL DA ABRAPSO. São Paulo, maio de 1992.

SCHOPENHAUER, Arthur. *Sobre livros e leitura*. Porto Alegre: Ed. Paraula, 1993.

SOUZA, Ednéia Barboza de. “Um conto de fadas moderno: O Alquimista”. Porto Alegre: PUCRS/P. P. G. em Comunicação Social, 2001. (Dissertação de Mestrado em Comunicação Social).